



0. Notas Prévias:

Iniciativa estimulante e instigante

Dois encontros: o dos palestrantes e o dos comentários no “chat” ou no “bate papo”

1. Apresentação de Conclusões

Todo o Encontro lembrou-me Edgar Morin e as missões da Escola. Dizia ele que:

“(…) L’école doit concilier trois missions fondamentales: **anthropologique, civique, nationale**. Anthropologique, car non seulement la culture doit parachever (contribuir para) l’humanisation de l’enfant, mais elle doit aussi aider chacun à développer le meilleur de lui-même, l’être humain étant capable du meilleur comme du pire, de s’abaisser ou de s’élever. Civique, car il s’agit de former des citoyens capables à la fois d’autonomie individuelle et d’intégration dans leur société. Nationale, car l’école doit contribuer à améliorer la qualité de vie et de pensée de la société (...) (pays). Au fond, l’école doit permettre à chacun de vouloir réaliser ses aspirations, mais toujours au sein d’une communauté.”¹ (Edgar Morin)

Estas dimensões podiam ser uma boa síntese para as várias missões que passaram por este Encontro para o papel da Escola (ou da Educação) mas, respeitando as palavras-chave, permitam-me sintetizar as ideias que fui capaz de reter, em função das 4 entradas.

2. INOVAR

Usamos muitas vezes o conceito de inovação para tentar ganhar algum protagonismo mediático, para tentarmos afirmar a nossa diferença perante a banalidade, para afirmarmos a nossa capacidade de não alinharmos na escola bafienta que nos formou.

Um recente estudo sobre “O conceito de inovação em educação: uma revisão necessária”², procurou analisar a consistência do uso deste conceito em produção bibliográfica mais recente.

¹ BLANQUER, Jean-Michel et MORIN, Edgar (2020). *Quelle École voulons-nous? La passion du savoir*. Auxerre: Odile Jacob / Sciences Humaines Éditions, p. 22-23.

² TAVARES, Fernando Gomes de Oliveira (2019). *O conceito de inovação em educação: uma revisão necessária*. In. “Educação. Revista do Centro de Educação da UFSM”, volume 44, 2019, p. e4/1-19. As frases seguintes com aspas são retiradas deste artigo. Ver <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/issue/view/1403/showToc>

Os artigos identificados foram agrupados em quatro categorias, tendo em conta a forma como os autores identificaram e se referiram à problemática da inovação em contexto educacional. Numa primeira, Inovação surgia sempre relacionada com algo positivo *a priori*. Na segunda, Inovação aparecia como sinónimo de mudança e reforma educacional. Na terceira, o termo (conceito) relacionava-se com modificações de propostas curriculares. Finalmente, Inovação englobava, sobretudo, a alteração de práticas educacionais mais costumeiras ou habituais num determinado grupo, ou sociedade, ou país.

Este Encontro veio, quando se referiu à Inovação, no sentido destas ideias identificadas. Falou-se da inovação como “panaceia para os problemas educacionais” realçando a originalidade de novas estratégias que visam sobretudo melhorar as “práticas educacionais vigentes”.

Relembrou-se que muitas vezes, a inovação surge como sinónimo de mudança e reforma educacional. Neste caso assume-se a complexidade da análise, entende-se como um processo e não como um exemplo singular, procurando-se identificar as evidências da rutura com as “dinâmicas educacionais vigentes”. O conceito de institucionalização surge aqui como muito apropriado já que há efeitos da inovação no nível macro. Esses efeitos surgem relacionados com a “criação de novas ideias pedagógicas, novos materiais didáticos, utilização de tecnologias de informação, modificação das técnicas de ensino e diversas alterações do ambiente escolar.

Noutros casos a “inovação é entendida como uma modificação de propostas curriculares”. Inovação pode aqui significar uma profunda rutura “com situações e práticas educacionais anteriores”, seja em termos de desenho curricular, de conteúdos, de tempos, de espaços, de formação dos protagonistas ou dos agentes educativos, ...

Ou, e sobretudo com o recurso enfatizado das tecnologias nos últimos dois anos, a inovação apareceu como alteração de práticas educacionais mais rotineiras ou habituais. Normalmente os intervenientes procuraram aduzir alguns argumentos/esclarecimentos para distinguir inovação, mudança e reforma. A comparação foi aqui um elemento privilegiado, mas também evidenciando a necessidade de uma cuidadosa explicação do(s) contexto(s). Práticas de ensino, condutas de diferentes agentes, instituições de educação formal e não formal, públicas e privadas, decisores centrais ou locais, são alguns dos elementos trazidos para a análise dos exemplos incluídos nesta categoria.

Estes eixos de perceção da INOVAÇÃO foram historicamente densificados pela intervenção de Joaquim Pintassilgo que nos trouxe a Memória Educativa a partir de 1920 (há um século) acentuando a mudança gradual em vez da revolução, evitando a tentação de dizer que não mudou nada ou que dantes é que era bom. A sua intervenção pediu que não sacralizássemos a Inovação porque as suas dimensões de materiais e recursos, estratégias e crenças/valores precisam de tempo, precisam da inspiração e divulgação das boas práticas, precisam do professor como artesão (ele referia a bricolage necessária), reivindicou reformas a partir de baixo que olhassem para a centralidade do aluno, metodologias ativas, transversalidade e flexibilidade curricular, aposta na educação integral, tudo aspetos de correntes e experiências pedagógicas que marcaram o século XX. Esta será também uma educação que terá de ser inclusiva e o projeto “Educação Digital em Rede em Espaço Prisional” levou-nos até um exemplo excecional numa situação, em termos sociais, limite em termos de exclusão, mas onde a Inovação concetual e metodológica foi crucial para implementar um projeto de referência em termos internacionais.

Esta incursão terminológica, mas também rigor concetual, remete-nos para a necessidade de identificarmos o que em cada momento e em cada caso devemos fazer para potenciar o sucesso



educativo, da organização, mas sobretudo do aluno. Feito o diagnóstico rigoroso, teremos sempre de insistir no diferente papel e função do professor num mundo em mudança, como nos acentuou de forma sustentada Joaquim Azevedo, mas também como nos lembrou Rui Trindade elegendo a literacia pedagógica e curricular como base de uma formação contínua mais consistente e mais atual ao serviço de um conhecimento profissional dos professores mais sustentado. Para isso será importante a atenção à investigação enfoque lembrado por Maria Figueiredo, como uma “pequena luz” que clarifica os percursos e as opções. Nesta perspetiva relembra Isabel Alarcão que será sobretudo necessária uma atitude investigativa em permanência, desde a formação inicial à formação contínua.

Neste processo sistémico de inovação, importa abordar e integrar as tensões entre o que sabemos e o que temos para exigirmos que as lideranças sejam as potenciadoras da inovação como nos acentuou Leonor Teles e como reivindicou Filinto Lima, face ao papel excepcional desenvolvido pelos professores para responderem aos imprevistos, elegendo até um estudo sobre a confiança nas instituições para realçar a responsabilidade do sistema da Escola Pública face ao primeiro lugar obtido. Leonor Teles relembra, suportada nos seus estudos, que as lideranças podem fazer a diferença se, nas suas palavras, “promoverem a democratização da educação, se estiverem identificadas com a missão (da escola pública), se se articularem com a(s) cultura(s) da escola/agrupamento, e se se aproximarem das diversas identidades profissionais”.

Temos, pois, de reivindicar um novo papel para as lideranças de topo e intermédias das nossas organizações escolares, para a conceção de projetos educativos agregadores em termos humanos (incluindo no limite toda a comunidade escolar), ambiciosos em termos de resultados e implicativos em termos sociais (cívicos). Temos de dignificar o estatuto dos seus agentes principais para que a profissão de professor não seja uma última escolha na formação inicial.

Em síntese, Inovar implica atenção, conhecimento, coordenação, dignificação, liderança, ambição e resultados com os nossos alunos a serem os protagonistas.

3. POTENCIAR

Este conceito remete-nos para a rentabilização de estudos que reivindicam com sustentação um quadro epistemológico de confiança, um rigor analítico que os credibiliza, um conjunto de conclusões em que podemos confiar tendo em vista a mudança. Desde “O impacto do Professor nas Aprendizagens dos Alunos”, ao Projeto GAP – Gulbenkian Aprendizagem que visa com mentorias recuperar aprendizagens³,

³ Fundação Calouste Gulbenkian lança o projeto **GAP – Gulbenkian Aprendizagem**, uma iniciativa que pretende apoiar **pelo menos 5 000 alunos** dos ensinos básico e secundário de cerca de **120 escolas** a recuperar aprendizagens perdidas em Português, Inglês e Matemática, bem como a desenvolver competências importantes para o estudo autónomo. O apoio será prestado através de **Mentorias Académicas**, um sistema inovador em Portugal que será implementado pela Associação “Teach For Portugal”, com a colaboração da Fundação Aga Khan, da Associação Portuguesa de Professores de Inglês, da Sociedade Portuguesa de Matemática (SPM) e das Universidades do Porto e do Minho.

aos estudos, pareceres e recomendações do Conselho Nacional da Educação, de várias Fundações ou de diferentes Universidades ou Sociedades Científicas, aos Relatórios das avaliações externas ou iniciativas de criação de “amigos críticos” que vão dando apoios sustentados a quem a eles recorre, tanto da esfera pública como privada, não faltam hoje meios para acabarmos com o sincretismo na Educação e introduzir-lhe uma marca de cientificidade que possa almejar um maior sucesso educativo. Este Encontro enriqueceu-nos com o conhecimento de conclusões de estudos, projetos ou iniciativas que, viu-se no chat pelos pedidos insistentes e regulares que fizeram de acesso a mais dados do que se ia dizendo, teremos agora de conhecer melhor, de interiorizar mais as suas premissas e conclusões e de, caso consideremos adequados aos contextos em que trabalhamos, incorporar na nossa profissionalidade. Provavelmente nunca como hoje o **professor investigador social** foi tão necessário para lidar com o imprevisto.

Autores como Edgar Morin com o seu “Ensinar a Viver – Manifesto para mudar a Educação”, François Taddei com a sua obra “Apprendre au XXe siècle”, passando por Relatórios instigantes produzidos pelo UNESCO ou OCDE, ajudam a enquadrar e dar consistência, e multiplicar referências comparativas com estes estudos e Pareceres mais nacionais que temos produzido. As próprias comparações sobre literacias e sucesso nas aprendizagens de algumas disciplinas que programas como o PISA ou TIMSS (Trends in International Mathematics and Science Study) fornecem-nos indicadores e diagnósticos importantes e sustentados para podemos atuar com fundamento. Mesmo as provas nacionais de aferição ou exames nacionais devem ser vistos como produtores de informação que servirá para uma reflexão de cada espaço escolar, de cada departamento, de cada grupo disciplinar, de cada professor.

Se a atenção a estes recursos nos conferem uma maior e melhor habilitação para intervir de forma consistente, temos em última análise, sobretudo, de conseguir **potenciar** as capacidades e as competências dos nossos alunos. Ouvindo-os estamos mais perto de planificarmos com recursos, com temas e com projetos que sejam efetivamente apelativos, agregadores e atuais. O Perfil dos Alunos no final da Escolaridade Obrigatória que já temos para sabermos onde queremos chegar e que permite uma orientação em rede acabando com posturas mais individualizadas, é claramente uma bússola que devemos rentabilizar ao serviço de objetivos comuns. Mas, tantas vezes aqui referido, temos de os ouvir, temos de aumentar a sua participação, temos de ir mais ao seu encontro para sermos melhor sucedidos nos finais dos processos.

A “educação-sedução” de que nos fala Gilles Lipovetsky⁴ é o meio para podermos cativar, ensinar e mobilizar os nossos alunos para além do efémero, inculcando competências e valores que potenciem a sua inserção consciente e interventiva na sociedade em que estão e que irão habitar no futuro.

4. TRANSFORMAR

A Declaração de Incheon de 2015 apontando as metas para a Educação 2030 visando “assegurar a educação inclusiva e equitativa de qualidade, e promover oportunidades ao longo da vida para todos” traça-nos o **sentido dessa transformação**, exigida num horizonte temporal que nos implica e compromete.

Várias são as metas desse compromisso:

a. Uma visão humanista da educação e do desenvolvimento, com base nos direitos humanos e na dignidade da justiça social; na inclusão, na proteção, na diversidade cultural, linguística e étnica, e na responsabilidade e na prestação de contas compartilhadas;

⁴ LIPOVETSKY, Gilles (2019). *Agradar e Tocar. Ensaio sobre a sociedade da sedução*. Lisboa, Edições 70, p. 330-331. Ver em particular o capítulo IX – “A situação descontraída da educação”, p. 329-354.



b. Uma educação de qualidade com melhoria dos resultados de aprendizagem, que exige mecanismos para medir os progressos (e os atrasos), professores e educadores bem treinados, qualificados profissionalmente, motivados e apoiados em sistemas que disponham de bons recursos e sejam eficientes e dirigidos de maneira eficaz;

c. Disponibilização de oportunidades de educação ao longo da vida onde podem desempenhar um papel crucial as Tecnologias de informação e comunicação (TIC) aproveitadas para fortalecer os sistemas de educação, a disseminação do conhecimento, o acesso à informação, a aprendizagem de qualidade e eficaz e a prestação mais eficiente de serviços. Será crucial entender a necessidade neste contexto de uma formação inovadora na área da “Didática da Tecnologias” para evitar o seu mau uso ou a incapacidade de rentabilizar as suas potencialidades, aspeto muito referido em várias intervenções para evitarmos as transformações apenas tecnológicas. Como nos dizia António Figueiredo, “a transformação digital, não é e não pode ser apenas digital”.

Assumir estes compromissos, remete-nos para “a educação como chave para uma vida melhor para todas as crianças e jovens, base de uma sociedade forte” nas palavras de Anthony Lake, diretor executivo da UNICEF. Implica-nos numa responsabilidade coletiva, pois só juntos podemos “promover e proteger o direito de todas as pessoas à educação e garantir a educação de qualidade ao alcance de todos, promovendo valores de paz, justiça, direitos humanos e igualdade de género” como enfatizou Teresa Alvarez. Garante-nos que sendo o conhecimento, poder, só pela educação ele pode ser atingido e ser “parte indispensável da equação do desenvolvimento” como nos instiga Helen Clark, administradora do PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.

Nesta linha foi inspiradora a intervenção de António Dias Figueiredo que acentuou a necessidade de uma transformação organizacional, uma transformação cultural e pedagógica que alargue as perspetivas e não nos remeta a uma simples mudança de tecnologias. O mapa esquemático das pedagogias que partilhou obriga-nos a refletir sobre **onde estamos e para onde devemos tender**. Na transformação pedagógica que defendeu será importante naturalizar nas nossas práticas termos como emancipação, socialização, projeto, treino e pesquisa. Como ele dizia citando Gibson, “O futuro já chegou o que está é mal distribuído”, curiosamente frase também referida hoje por Maria Figueiredo.

A identificação destas perspetivas mais holísticas, ajuda a dar consistência às nossas opções singulares dentro de um quadro mais coletivo e mais prospetivo que permita criar um diferente ecossistema cultural e educativo. **Transformar** passa por nós, mas sobretudo pela forma como nós atuarmos junto dos outros com quem lidamos, trabalhamos e educamos. Aí talvez tenhamos muito a aprender com aqueles que julgamos apenas destinatários do nosso saber. Ensina-nos muito no contexto pandémico e muitos de nós tivemos a humildade de aprender com eles. Como nos dizia Matias Alves partilhando a opinião dos alunos, às vezes “temos de aprender a estar calados”, mas atentos às suas expectativas para os podermos envolver mais, seja no processo de aprendizagem seja na prática da democratização nas organizações e nos espaços educativos.

Aproveitemos essa partilha e aproximação, tal como a grande aproximação e reconhecimento das famílias e da sociedade em geral para continuarmos a lutar pela dignidade da função docente e da escola pública.

5. PENSAR A EDUCAÇÃO NO PÓS PANDEMIA:

Logo em 2020 a UNESCO presenteou-nos com um Relatório intitulado “Educação num mundo pós covid: nove ideias para uma ação pública” elaborado pela Comissão Internacional para o Futuro da Educação. Destacando algumas dessas sugestões, apontava para o “reforço da educação como um bem comum”, “para o direito à educação”, “para a valorização do papel do professor e a necessidade de uma postura colaborativa no âmbito da atuação”, “para uma atenção particular aos direitos e à participação dos estudantes e dos jovens na procura de caminhos alternativos”, “reformulação do conceito de espaço educativo”, “disponibilização em *open access* de tecnologias para estudantes e professores”, “reflexão científica sobre o conceito de currículo”, “solidariedade global para acabar com as desigualdades” (sobretudo de acesso a recursos que permitissem acentuar o desequilíbrio económico e social).

Complementarmente, um dos membros da Comissão – o português António Nóvoa (ainda hoje referido na intervenção de Isabel Alarcão) – num artigo publicado nos inícios de 2021, e de forma provocadora intitulado “Covid 19 e o fim da Educação – 1870-1920-1970-2020” - apontava a necessidade de repensar as características do modelo escolar sugerindo:

- a. “em vez de uma educação em edifícios próprios, que funcionem de forma relativamente separada do resto da sociedade, pensemos no princípio da capilaridade educativa, isto é, de uma educação numa diversidade de tempos e de espaços (escolas, casas, centros de arte, de ciência e de cultura, comunidades...)”;
- b. “em vez de um dia a dia escolar organizado apenas dentro da sala de aula, pensemos em novos ambientes educativos abertos e flexíveis nos quais possa ter lugar uma grande diversidade de atividades”;
- c. “em vez de um programa de ensino com disciplinas fixas, pensemos em combinar disciplinas e áreas transversais ou grandes questões do mundo como por exemplo os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável”;
- d. “em vez de professores exercendo as suas funções a título individual, pensemos em professores trabalhando colaborativamente”.

Aqui podemos e devemos lembrar os **Desafios, mais sistémicos, apontados por Joaquim Azevedo:**

- Mais densidade humana e antropológica mais ética e menos moral
- Corpos docentes estáveis, com equipas docentes muito mais fixas (tem de mudar o modelo de afetação de docentes aos AE), com lideranças inspiradoras, transformadoras e bem inseridas na comunidade.
- Com mais autonomia na gestão escolar: do currículo, das equipas de educadores; dos recursos, com a comunidade; dos grupos de alunos; dos tempos e dos espaços; da organização da escola, ... (escolas e municípios podem fazer a diferença, com respeito mútuo).
- Com mais foco, menos dispersão, com renovada alegria e esperança.
- Com muito mais cooperação entre escolas – só juntos vamos conseguir melhorar a qualidade da educação escolar.
- Cada dia escolar e cada aula têm de ser um tempo fascinante de aprendizagem e de desenvolvimento humano.
- A tecnologia disponível tem de integrar este objetivo, não dá mais para separar o presencial e o à distância, o face-a-face e o digital, é preciso integrar para melhorar.



Evidentemente que todas estas ideias devem sobretudo ajudar-nos a evitar que tudo fique na mesma. Encontros como o EDUSUMMIT ajudam-nos sobretudo a partilhar boas práticas e ideias, mais rurais ou mais comedidas, mais implicativas no curto prazo ou abrindo caminhos novos para o “velho modelo escolar”, mais próximas dos agentes ou mais partilhadas com os destinatários.

E aqui o desafio seria que o próximo EDU SUMMIT dê mais espaço aos alunos e aos estudos sobre os alunos, ouvindo-os e tentando perceber o que pensam da escola, dos processos, dos recursos, dos fins, do acesso ao ensino superior, das estratégias de aprendizagem, da escola fora da Escola (a tal escola silenciosa das explicações) ... Mas também partilhando estudos sobre boas práticas, sobre o perfil de professor com que mais empatizam e aprendem, sobre o papel da arqueologia dos sentimentos para o sucesso escolar, sobre as consequências do isolamento obrigatório provocado pela pandemia,

Parar e pensar, ouvir e incorporar, inovar com sentido e saber agregar todas as vontades e disponibilidades para corporizar a mudança, pode claramente permitir-nos aproveitar esta oportunidade que o “abanão COVID” provocou em quotidianos cristalizados.

Se realmente acreditamos que “A educação é a ferramenta mais poderosa que podemos usar para mudar o mundo” (Nelson Mandela), comecemos já amanhã a tentar cumprir esta missão junto daqueles que corporizarão o mundo ainda por vir!

Obrigado.

Porto, 3 de outubro de 2021

Luis Alberto Marques Alves